

BOLETIM DIGITAL DA OITAVA IGREJA
PRESBITERIANA DE BELO HORIZONTE

• 20 DE DEZEMBRO DE 2020 •

Sinais e Milagres



SINAIS E MILAGRES

Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis. Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela... Deus o fez Senhor e Cristo (At 2.22-35).

O que aconteceria se o Deus Eterno, criador do universo e sustentador de toda a vida resolvesse se fazer presente em sua criação? Por mais que a segunda pessoa da Trindade tenha assumido forma humilde em sua humanidade, seus propósitos passavam por ele romper a força do pecado e da morte sobre a raça humana com todo seu poder, o que incluía agir de forma miraculosa contra os efeitos dessa morte por meio de curas, libertações e ressurreições.

Os evangelhos são ricos em exemplos dos sinais e milagres realizados por Jesus na vida de um sem número de pessoas. Mas além de curar e expulsar demônios, Jesus também demonstrou seu poder e autoridade sobre a Criação ao transformar elementos físicos (água em vinho) e dar ordem à natureza (cessar ventos e tempestades).

Ao discursar para a multidão impressionada com o que estava acontecendo no dia de Pentecostes (texto acima), Pedro deixa claro que o poder de Jesus era o poder do próprio Deus. Jesus era uma pessoa real, de carne e osso, **“o Nazareno”**, mas não era só isso. Nele operava o poder do

Deus da eternidade, Criador de todas as coisas. Assim, mesmo se entregando à morte na cruz em nosso lugar, Deus mostrou que todos os sinais mostrados por meio dos milagres feitos por Jesus eram apenas uma amostra daquilo que viria a ser o sinal maior: a ressurreição.

Diferente das ressurreições de Lázaro, da filha de Jairo ou do filho da viúva de Naim, ninguém chegou até o túmulo de Jesus e ordenou que ele se levantasse. Ninguém tinha tal autoridade. Jesus entregou sua vida e a retomou pelo seu próprio poder e autoridade, como Deus (João 10.18). Assim, ***“Deus o fez Senhor e Cristo”***.

Entender que os sinais e maravilhas que Jesus operava eram o poder do próprio Deus afasta a possibilidade de que ele era um simples curandeiro, operador de milagres ou mágico. E se são sinais de Deus, precisamos abrir o coração para o que eles sinalizam. Os milagres de Jesus nos mostram um Deus que não só se importa com nossa condição de escravos do pecado e da morte, mas que também age quando ninguém tinha condições de resolver o problema, tomando para si a responsabilidade que era nossa, por puro amor.

A nós cabe dois movimentos: reconhecimento e entrega. Reconhecimento de que somos pecadores e que o desdobramento natural desse pecado é a morte eterna. E entrega a Jesus como Salvador e Senhor, reconhecendo, pela fé, que ele, e somente ele, é digno de receber tudo o que temos e somos.

Os sinais e os milagres de Jesus nos apontam uma vida plena que só em Cristo podemos experimentar. Apontam para o milagre maior:

a vida eterna encharcada do amor do Pai que experimentamos em parte agora, mas em breve experimentaremos em sua plenitude.

Pr. Luís Fernando Nacif Rocha • Pastor Auxiliar

REAVIVAMENTO, UNIDADE E AMOR

É mais prejudicial para o Evangelho e a evangelização um cristão superficial ou carnal do que um incrédulo. O incrédulo pode perseguir, zombar, blasfemar contra o Evangelho, e muitas vezes isto se torna um poderoso combustível para o progresso do mesmo. Um cristão carnal é um escândalo, um tropeço, um impedimento para que os incrédulos cheguem ao pleno conhecimento da Verdade. Assim, um reavivamento é uma obra de Deus para tirar toda superficialidade e carnalidade e dar um sentido profundo e radical na vida cristã dos que professam o nome de Jesus.

“Em João, Jesus fala sobre uma unidade verdadeira, visível, prática. Uma unidade prática através de todas as barreiras, entre todos os cristãos verdadeiros. O cristão realmente tem uma tarefa dupla. Tem que praticar a Santidade e o amor de Deus. Deve mostrar que Deus existe como infinito e pessoal; e simultaneamente mostrar seu caráter de santidade e amor. Não há Santidade sem o amor: isso é somente aspereza. Não há amor sem Santidade: isso é somente uma acomodação. Tudo aquilo que um indivíduo ou grupo cristão venha a fazer, que deixe de mostrar o equilíbrio simultâneo de Santidade e do amor de Deus, apresenta, a um mundo atento, não uma demonstração, mas uma caricatura de que Deus existe”.

De acordo com as Escrituras e os ensinamentos de Cristo, o amor demonstrado deve ser

extraordinariamente grande - não se trata somente de algo que, com palavras, mencionado de quando em vez.

AMOR VISÍVEL

O amor visível é algo muito simples: “Quer dizer que, quando cometo um erro e quando deixo de amar a meu irmão cristão, dirijo-me a ele e digo: desculpe-me. Isto vem em primeiro lugar. Nós, como cristãos, quando deixamos de demonstrar amor uns para com os outros em nosso próprio grupo, em nossa própria comunidade cristã, mesmo em nossas famílias, não pedimos desculpas automaticamente. Mesmo no plano mais simples, nunca é muito fácil. Pode parecer simplista começar dizendo que sentimos muito, que pedimos perdão, mas não é”.

Esta é a maneira de restabelecer a confraternidade, quer seja entre marido e mulher, pai e filho, numa comunidade cristã ou entre grupos. Quando demonstramos falta de amor para com os outros, somos chamados por Deus a dizer: “Desculpe-me... realmente sinto muito”. Se não disponho a dizer: “Desculpe-me”, quando fui injusto com alguém especialmente quando não lhe demonstrei amor nem sequer comecei a pensar sobre o significado da unidade cristã que o mundo pode presenciar, o mundo tem o direito de duvidar que eu seja cristão. E, mais do que isso, deixe-me dizê-lo outra vez, se não disponho a fazer algo tão simples, o mundo tem o direito de duvidar que Jesus tenha sido enviado por Deus e que o cristianismo é verdadeiro. Quantas vezes nos dirigimos a cristãos de nosso próprio grupo, ou de outros grupos, e pelo poder do Espírito Santo dissemos: “Desculpe-me”? A prática visível da Verdade e do amor andam de mãos dadas com a proclamação das boas-novas de Jesus Cristo.

“Tenho observado algo entre cristãos verdadeiros, em suas divergências em muitos países: o que divide e mantém separados os verdadeiros grupos cristãos e os cristãos individualmente - o que deixa uma mágoa que pode durar 20, 30, 40 anos (ou 50, 60 na memória dos filhos) - não é a questão doutrinária ou crença que tenha causado a disputa inicial. E invariavelmente a falta de amor - as palavras ásperas que são ditas pelos cristãos verdadeiros em meio às divergências. Esta, como cola, adere à mente. E depois que o tempo passa, as divergências entre os cristãos ou grupos parecem menos que antes, ainda permanecem aquelas palavras amargas, muito amargas, que dissemos em meio ao que pensamos numa discussão objetiva, boa e adequada. São coisas assim - estas atitudes e palavras sem amor - que provocam a má impressão que o mundo pode sentir na Igreja de Jesus Cristo entre aqueles que realmente são cristãos”.

“Se, quando sentíssemos que deveríamos discordar como verdadeiros cristãos, simplesmente controlássemos a nossa língua e nos expressássemos com amor, em cinco ou dez anos toda a amargura poderia ter fim. Ao invés disso, deixamos máculas - uma desgraça por gerações. Não somente na igreja, mas no mundo”.

“O mundo olha, encolhe os ombros e se afasta sem conseguir ver nem a igreja viva, em meio a uma cultura agonizante. Sem chegar a ver o que Jesus aponta como a apologética final - a unidade visível entre verdadeiros cristãos que são verdadeiramente irmãos. Nossas línguas ferinas, a falta de amor entre nós -, não as necessárias

declarações de divergências que possam existir entre verdadeiros cristãos - isso é propriamente o que aflige ao mundo”.

“Como isso é diferente da ordem franca e direta de Jesus Cristo, que consiste em mostrar uma unidade visível que possa ser observada por um mundo atento!”.

“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.35).

Pr. Jeremias Pereira • Pastor Titular

Obs.: a maior parte do texto aparece entre aspas, pois foi extraído do livro: **A Igreja no Ano 2001.
Dr. Francis A. Schaeffer.*